

OS CONSULTÓRIOS GRAMATICAIS DA REVISTA DE LÍNGUA PORTUGUESA AOS JORNAIS CONTEMPORÂNEOS

Regina Maria de Souza (UERJ e UNESA)

Aspiramos a fazê-la um órgão de publicidade útil aos estudiosos e, do mesmo passo, torna-la o ponto de convergência da elaboração, até aqui dispersa, em pró da defesa do idioma pátrio, que, como nunca tem que zelar os seus thesoiros, e jamais se arrastou tão desestimado, tão descurado, tão corrompido e, sobretudo, tão desnacionalizado, qual nos tempos que correm. (*Intenções*, de Laudelino Freire: n° 1, p. 5)

RESUMO

O trabalho que ora apresentamos, enfoca um recorte da pesquisa realizada sobre a *Revista de Língua Portuguesa*, importante periódico na área filológico-gramatical no Brasil, dirigido por Laudelino Freire e editado no período compreendido entre 1919 e 1935. Uma de suas seções fixas, “Consultas”, tinha o intuito de responder a perguntas e esclarecer dúvidas dos leitores acerca de questões que se referiam ao idioma vernáculo.

Pretendemos nessa comunicação fazer um levantamento comparativo de algumas perguntas incluídas na seção mencionada com as atualmente enviadas aos professores ou aos jornalistas-gramáticos dos consultórios da imprensa, considerando os pontos em comum e os contextos em que se inserem, a fim de mostrar que, apesar de quase um século ter-se passado, as dúvidas se repetem.

PALAVRAS-CHAVE: Consulta, Consultório, Língua Portuguesa, Jornal

Ao se propor a criar um órgão público que divulgasse a língua portuguesa, Laudelino Freire ousou enfrentar o desafio de expor seu trabalho, sua obra e, mesmo, sua vida profissional ao grande público daquela época, no sentido de que a *Revista de Língua Portuguesa* alcançava não apenas os profissionais de língua portuguesa, mas todos os que muito freqüentemente por ela se interessavam: pessoas de outras áreas, cuja formação acadêmica, ainda que heterogênea, envolvia-as com a produção na área de Letras; estudantes que necessitavam de informações confiáveis; o público em geral, que por curiosidade ou desejo de participar, indagava ou opinava a respeito das questões do momento.

Numa época em que não havia cursos superiores na área de Letras, dedicavam-se aos estudos de língua portuguesa pessoas de variadas formações. Algumas chegavam a acumular suas funções específicas com o magistério de Português ou de outra língua. Estão neste caso alguns importantes colaboradores da *RLP*, entre os quais citamos Mário Barreto (advogado e professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro), Ramiz Galvão (médico e professor de Grego do Colégio Pedro II), Carlos Góis (advogado e professor do Colégio Oficial de Minas Gerais), Sousa da Silveira (engenheiro e professor da Escola Normal), além do de seu próprio diretor, Laudelino Freire (advogado e professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro).

Serafim da Silva Neto, no número de junho de 1955 da *Revista Brasileira de Filologia*, exprimiu sua opinião sobre esse fato:

No Brasil, onde a língua nacional foi recebida depois de desenvolvida e polida como língua escrita, sempre houve grande (e até, em certos casos, exagerado) interesse pelas questões de linguagem. Os problemas práticos – a crase, a colocação de pronomes, o infinitivo pessoal e outros que tais – alcançaram a mais de um coração, atormentaram e ocuparam o tempo a numerosas pessoas e provocaram rudes e aceras polêmicas. Não é de estranhar, pois, que haja florescido, entre nós, vasta legião de puristas e vernaculistas, amadores sem formação universitária, mas apostados em ler os “clássicos” para imitar-lhes os torneios e copiar-lhes os termos e expressões.

Na *Indexação da Revista de Língua Portuguesa* vamos encontrar trabalhos como o “Dicionário de termos médicos”, de Serafim Almeida e Paulino Vieira (em 11 partes, do nº 21 ao 47) e o estudo de Guedes de Melo, “Fábula: coletânea literária” (em 12 partes, do nº 33 ao 46). Profissionais da área médica, sem atuação no magistério, cujo interesse pela língua reflete-se na dedicação que demonstraram em seus trabalhos.

O Dicionário se integra aos estudos lexicológicos e as Fábulas à crítica filológico-literária. Hoje, é bem mais escasso esse tipo de comportamento, pois a especialização em uma área de pesquisa tornou-se cada vez mais aprofundada, e as mudanças são tão rápidas que o tempo dedicado à atualização tem de ser quase integral. Verificamos, porém, como já dissemos antes, a permanência nos meios de comunicação de seções que visam ao esclarecimento de dúvidas do grande público que revela seu interesse em conhecer melhor a língua. Comparando as perguntas feitas na seção de “Consultas” da

RPL com as atualmente enviadas aos professores ou aos jornalistas-gramáticos dos consultórios da imprensa, verificamos que elas praticamente se repetem. Ainda hoje as pessoas buscam esclarecimentos sobre regras ortográficas, emprego de palavras, concordância e regência verbal.

Surpreendentemente, tantos anos se passaram e as polêmicas trazidas a público entre os lingüistas continuam parecidas em sua essência. No contexto histórico da *Revista*, discutia-se a reforma ortográfica, fato que gerou assunto durante muitos anos (de 1901 a 1945, pelo menos). Laudelino Freire teve o seu *Formulário Ortográfico* amplamente discutido pelos acadêmicos, até finalmente vê-lo negado e, em seguida, incorporado ao próprio *Vocabulário Ortográfico* da Academia. Os critérios expostos no nº 42 da *RPL* (p. 9-24) são basicamente os mesmos: o uso do h, o caso das letras dobradas, as vogais nasais, ditongos e hiatos, os parônimos e os vocábulos de dupla grafia... todos mantidos pela Academia.

A polemização lingüística nos dias de hoje pode ser, quando muito, uma variação sobre o mesmo tema. Discussão recente acerca dos usos da língua foi provocada por reportagem de capa da *Revista Veja* (nº 1725, de 07/11/2001), intitulada “Falar e escrever bem, eis a questão”. Na matéria, o Prof. Pasquale Cipro Neto, fenômeno da mídia, apresenta propostas de conteúdo gramatical autoritário e pouco consistente. Alguns representantes dos meios universitários, como Marcos Bagno e José Luiz Fiorin, sustentam que essas posições caracterizam mitos, estereotipados numa atitude anticientífica, contrária aos estudos desenvolvidos nos mais importantes centros de pesquisa sobre a linguagem.

Hoje, não menos do que ontem, vemo-nos diante de contravérsias em que gramáticos, lingüistas e filólogos insistem em polêmicas não muito diferentes de tantas publicadas pela *RPL*. A bem da verdade afirmamos que há os que lutam dignamente, buscando o aperfeiçoamento lingüístico e a garantia do aprimoramento, seja do ponto de vista didático ou político-educacional, seja pelo campo da pesquisa científica, cujos resultados beneficiarão a própria língua. Por outro lado, como já era denunciado na época da *Revista*, há os que consideram apenas interesses pessoais, buscando para si próprios o reconhecimento público.

Claudio Cezar Henriques, no Posfácio das *Atas da Academia*, define essa situação quando declara:

Passou-se o século, e a língua portuguesa permaneceu como peça manipulável, servida em banquetes fúteis em que se deglutiram questões ortográficas, xenofóbicas ou vangloriosas. Não se tratou quase nunca da implantação de uma política do idioma...

As atitudes equivocadas de proteção da língua ressurgem de tempos em tempos, repetitivas e estéreis. A Academia (Brasileira de Letras), porém, pode contribuir de modo diferente para atingir o mesmo objetivo. As iniciativas contemporâneas de incentivo às publicações de obras filológicas e literárias estão nesse caminho... (p. 148-9)

Consciente da importância do trabalho em prol da língua portuguesa, Laudelino Freire não temeu assumir uma posição crítica diante do contexto em que estava inserida a *RPL*, qual fosse a de defender o purismo e a língua vernácula como era entendida então. Dentro dessa perspectiva Rui Barbosa, o modelo lingüístico respeitado por muitos, na época e ainda hoje, foi o seu inspirador. Pela contribuição que prestou à pátria, pela firmeza de caráter e exemplo de atuação na vida pública, cultural, política e social, Laudelino Freire não hesitou em outorgar-lhe o título de patrono da *Revista* e de candidatar-se a sucedê-lo (mas não a substituí-lo, como declarou em seu discurso de posse), após seu falecimento, na cadeira nº 10 na Academia, por Rui Barbosa antes ocupada. Não é por acaso que a revista reúne setenta e cinco artigos assinados por Rui Barbosa, aos quais se somam outras trinta e quatro matérias sobre ele.

Não obstante a posição conservadora, Laudelino publicou na *RPL* textos variados, inclusive os que apresentavam ideais que se distanciavam dos seus e que, muitas vezes, revelavam críticas ao trabalho que desenvolvia como filólogo e gramático. Portanto, podemos considerar a *RPL* algo ousada para seu tempo, porque o contexto era outro e os estudos daquela época tinham efetivamente uma natureza autoritária e conservadora. Talvez por isso seja ela um marco na história das revistas filológicas brasileiras, tendo conseguido manter sua regularidade durante quase 13 anos, descontados os períodos em que não foi publicada.

É clara sua intenção protecionista em relação ao idioma pátrio, diante dos modismos e dos estrangeirismos que poderiam “corromper” a pureza da língua porque, amante que foi dessa mesma lín-

gua, queria honrá-la e dar-lhe o devido valor como patrimônio nacional. Desta forma, cumpre entender sua grande preocupação, vislumbrando aquele quadro histórico quase um século após, na tentativa de lançar um olhar científico sobre as tentativas de “acerto e erro” com as quais tinham de conviver os estudiosos da língua naquela época. Por isso mesmo, cabe-nos também um olhar de reconhecimento a Laudelino Freire e àqueles que, junto com ele, escreveram essa página de tão grande valia para a sistematização dos estudos da nossa língua e literatura.

Podemos dizer que, além das já mencionadas discussões ortográficas, duas principais questões envolveram os estudos de língua portuguesa na primeira metade do século XX: a lexicografia e a dialectologia. Por isso, tantos são os trabalhos (contabilizamos quase 250) de lexicologia, semântica, etimologia, onomasiologia, toponímia, sociolingüística e geolingüística publicados na *RLP*, muitos deles associados a preocupações quanto à publicação de obras de referência. Lembremo-nos inclusive de que, em seu penúltimo número, o que inaugurava a terceira série, a revista informava que iniciaria a publicação dos “Glossários Regionais do Brasil” em que seriam incluídos, “com a maior minúcia, todos os vocábulos em uso nos diversos Estados do país”.

São ainda dignos de nota alguns dos artigos de crítica filológica, gramatical e literária publicados na *RLP*, como “O códice florentino”, estudo feito por Nella Aita, publicado nos nºs 13 a 16 e 18; os “Estudos sobre *Os Lusíadas*”, de José Maria Rodrigues, encontrados em quase todos os volumes do nº 22 ao 34; “Breve dicionário de autores clássicos da literatura brasileira”, de Chichorro Gama, nº 12 a 17; “A Demanda do Santo Graal” (nºs 45 a 61, em sete partes), estudo realizado pelo Padre Augusto Magne em 1923-24, na Biblioteca Nacional de Viena, do códice nº 2594, que contém uma versão portuguesa da Demanda. No preâmbulo estão os critérios que o autor usou para redigir o texto, uma introdução filológico-literária e um glossário com nótulas gramaticais, além de um esclarecimento de que não se trata de uma edição “diplomática”, embora seja possível, para quem atender às suas observações, reconstituir, para seu próprio uso, uma edição “diplomática”. Poderíamos citar muitos outros, pois somam mais de 330 os artigos referentes à crítica, fato que revela a própria contextualização histórica da *Revista*, caracterizada pelas tentativas de definição

da língua com caráter nacional.

A Estilística também ocupou algum espaço no periódico, quase sempre adotando um tratamento laudatório e preciosista, como no artigo de Mário Barreto sobre a correção de linguagem de Camilo Castelo Branco (nº 17) e no de Sousa da Silveira (nº 9) sobre a excelência das formas vernáculas.

Os textos sobre fonética e fonologia e sobre história externa e interna do português mostram a relevância dos estudos sobre esses aspectos da língua, mas são os galicismos que ocupam uma grande parte das discussões dos colaboradores, inclusive de Laudelino Freire, autor de um livro sobre o assunto.

Os temas morfossintáticos tomam boa parte das seções de “Consulta” da revista, mas são também focalizados em matérias que analisam algumas regências (M. Said Ali, Carlos Góis e Laudelino Freire), a combinação e a colocação dos pronomes átonos (Mário Barreto, Padre Magne, Sousa da Silveira), flexão de substantivos e adjetivos (Brito Mendes, Eládio Ramos e Sousa da Silveira) ou o infinitivo em português (Aureliano Portugal, Antônio Barata e Laudelino Freire). A eles se vinculam alguns dos artigos que contêm referências a usos lingüísticos, agrupados à parte neste *Índice*. Em comum, apresentam como ponto de partida a referência a algum uso da modalidade brasileira, como as expressões populares, as gírias, os valores de determinadas construções, etc.

Antes de encerrar este trabalho, cabe ainda uma referência ao interesse que esse tipo de estudo vem merecendo nos meios acadêmicos brasileiros. Mencionamos alguns títulos de livros, dissertações e teses que comprovam a presença contemporânea de quem se volta para os estudos de jornais e periódicos importantes para a compreensão de nossa história. Obras recém-lançadas no mercado, como *Revistas em Revista* (2001), de Ana Luiza Martins, que “incide sobre a história das revistas periódicas publicadas na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1922” (p. 16) ou a pesquisa de Isabel Travancas em *O Livro no Jornal* (2001), a respeito de “como se estruturam os suplementos literários na França e no Brasil, nos anos 90” (p. 13), tese de doutorado em Literatura Comparada pela UERJ. Maria Amélia de Amaral e Elói, em dissertação de mestrado pela UnB (2000) abordou os *Suplementos Idéias, do Jornal do Brasil, e Mais!, da Folha de*

São Paulo. Repetimos a menção ao livro de Tânia Regina de Luca, *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação* (1999) e acrescentamos: *Brasil: obras de referência* (1999), bibliografia organizada e comentada por Ann Hartness; o *Índice Geral da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1998), que cobre toda sua existência de 1838 aos nossos dias; o *Catálogo dos Periódicos de Plínio Doyle*, organizado por Beatriz Amaral de Salles Coelho (1998); *O Suplemento Literário d' O Estado de São Paulo: 1956-1982: subsídios para a história da crítica literária no Brasil*, dissertação de Mestrado da USP, em 1982, e *História de Revistas e Jornais Literários*, de Plínio Doyle (1976).

São publicações que ocupam um importante espaço nos estudos lingüístico-literários, patrimônio da história e da cultura nacional. Concordamos com Wilson Martins quando, sobre elas, afirma:

São as obras de referência, consultadas às escondidas, como os dicionários e raramente “referidas” elas próprias, pois delas só nos lembramos em busca de socorro urgente nas emergências, atrás de títulos exatos, datas corretas, bibliografias confiáveis e nomes completos.

São esses, contudo, os marcos quilométricos permanentes, orientadores do trabalho intelectual...

MARTINS, Wilson. *Prosa & Verso*. In: *O Globo*, 12/06/1999)

Dentre os muitos textos de valor filológico resgatados através dessa pesquisa, encantou-nos particularmente uma fábula apresentada por Cláudio de Sousa (nº 46, p. 13-4), cujo título é “Sub Rosa”. Intrigado com essa expressão latina, procurou sua definição entre muitos dicionaristas, questionando-se a respeito da tradução para o francês “sous la rose” usada por alguns escritores. Apenas no Larousse encontrou a única suposição sugerida, que seria: “a explicação de um fato que até então lhes parecera indecifrável”. Mas o verdadeiro esclarecimento veio através de uma anotação de Michel Corday, num volume que transcreve as últimas páginas inéditas de Anatole France e que vai a seguir transcrito, atualizada a ortografia:

Sub rosa, ou *sous la rose*, é expressão que vai caindo em desuso. Os grandes dicionários modernos não lhe fazem referência. No *Dictionnaire de Trévouse*, editorado no XVIII século, e de que existe um exemplar na *Bécherrie*, encontra-se a seguinte definição:

A fábula, antiga ou moderna, diz que o deus do amor fez presente de uma bela rosa a Harpócrates, deus do silêncio. Era uma rosa que ninguém ainda havia visto, pois apenas desabrochava, e que não poderia

descobrir as práticas secretas e as conversações de Vênus, sua mãe. Tomou-se daí o costume de pendurar uma rosa nas salas onde amigos ou parentes se reúnem, a fim de que possam dizer tudo quanto bem lhes pareça sem receio de que alguma coisa transpire, pois estão sob a égide da rosa, *sub rosa*. E por isto se diz que a rosa é o símbolo do silêncio, e que se está *sub rosa* quando não há perigo de indiscretos observadores ou ouvintes.

O *Dictionnaire de l'Ancien Langage* confirma esta definição. E ajunta que na Idade Média as mulheres que tinham sido discretas em vida eram representadas em seus túmulos por figuras que traziam uma rosa na mão.

Seja esta rosa o símbolo do pacto que fazemos todos nós, amantes da língua portuguesa, seja ela o símbolo da atmosfera que nos envolve agora; não o silêncio que oculta o que não se deve dizer, mas sim, o silêncio que precede a criação da poesia, o silêncio que conspira a nosso favor e que nos faz, juntos, revelarmos a divindade que existe dentro de cada um de nós, aquela se sobrepõe ao humano no momento da criação da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. CD-ROM do Centenário. Rio de Janeiro: ABL, 1997.

———. Página da Web: <http://www.abl.org.br>

———. *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

———. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1998.

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.

ARANHA, Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro 1969.

ARAÚJO, Antônio Martins de. *Índices da revista filológica*. Rio de Janeiro: 2000. Versão em disquete.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Contexto: 1999.

BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARUSO, Pedro. *Índice remissivo da revista de língua portuguesa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1966.

CASTRO, Ivo *et alii* (org.). *A demanda da ortografia portuguesa*. Lisboa: Sá Costa 1987.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 v. Rio de Janeiro: MEC & Oficina Literária Afrânio Coutinho, 1995.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Vol. 1. Rio de Janeiro: MEC/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976.
- ELIA, Silvio. *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Versão em CD-rom.
- FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, José Luiz. Aldrovando Cantagalo e o Preconceito Lingüístico. In: BAGNO, Marcos (org.). *A norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001.
- FREIRE, Laudelino. *Regras práticas para bem escrever*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2000.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Atas da academia brasileira de letras: presidência Machado de Assis (1896-1908)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- . *Literatura: esse objeto do desejo*. Rio de Janeiro: EdUERj, 1997.
- (org.). *A polêmica lingüistas X revista veja*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Versão em disquete.
- & SIMÕES, Darcília Marindir (orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos*. Rio de Janeiro, UERJ, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão em CD-rom.
- JUCÁ (filho). Cândido. *Índice alfabético e remissivo da obra de mário barreto*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.
- LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.
- LEÃO, Múcio (org.). *Obras de João Ribeiro: Crítica*. 5v. Filólogos. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1961.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1969.

———. *Dicionário eletrônico luft*. Reunindo o *Dicionário de Língua Portuguesa*, o *Dicionário de Regência Verbal* e o *Dicionário de Regência Nominal*. Versão em CD-rom. São Paulo: Ática, 1998.

LYRA, Helena Cavalcanti de et alii. *História de revistas e jornais literários*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Wilson. Livros Úteis. In: *O Globo* (Caderno Prosa & Verso), 12 jun. 1999.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.

———. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAES, José Paulo & MOISÉS, Massaud (org). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967.

PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. 2 v. Rio de Janeiro e São Paulo: Livros Técnicos e Científicos / Editora da Universidade de São Paulo, 1978 e 1981.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dept. Nacional do Livro, 1994.

ROCHA, João Cezar de Castro. A Literatura e a Crítica de Cada Dia. In: *Jornal do Brasil* (Caderno Idéias), 02 fev. 2002.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da filologia românica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Presença, 1983.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. São Paulo: Ateliê, 2001.